

**W. B.
YEATS**

PRÉMIO NOBEL DA LITERATURA

**AS TÁBUAS
DA LEI**

FICÇÃO COMPLETA

Traduzido do original inglês (Irlanda) por
Francisco Silva Pereira



Índice

<i>Nota do Editor</i>	11
---------------------------------	----

JOHN SHERMAN E DHOYA (1891)

Apologia de Ganconagh	15
JOHN SHERMAN	17
Primeira Parte – John Sherman deixa Ballah	17
Segunda Parte – Margaret Leland	32
Terceira Parte – John Sherman revisita Ballah	47
Quarta Parte – O Reverendo William Howard	53
Quinta Parte – John Sherman Regressa A Ballah	68
DHOYA	79

A ROSA SECRETA (1897)

Para a rosa secreta [versão única de 1897]	91
O prender do cabelo [versão de 1897]	93
A sabedoria do rei [versão de 1895]	98
Onde não existe nada, aí se encontra Deus [versão de 1896]	104

A crucificação do proscrito [versão de 1894]	110
Vinda da rosa [versão de 1893]	118
A maldição dos fogos e das sombras [versão de 1893].	125
O coração da Primavera [versão de 1893]	131
De Costello, <i>o Orgulhoso</i> , de Oona, filha de Dermott, e da língua viperina [versão de 1896]	136
A rosa de sombra [versão de 1894]	151
Os velhos do crepúsculo [versão de 1895]	156

ROSA ALCHEMICA

[Versão de 1897]

<i>Rosa Alchemica</i> , Rosa Alquímica	163
--	-----

AS TÁBUAS DA LEI E A ADORAÇÃO DOS MAGOS

(1897)

As Tábuas da Lei [versão de 1896].	185
A Adoração dos Magos [versão de 1897]	197

AS HISTÓRIAS DE HANRAHAN, *O RUIVO*

(1904)

Hanrahan, <i>o Ruivo</i> [versão de 1903]	207
O livro do Grande Dhoul e Hanrahan, <i>o Ruivo</i> [versão de 1897]	217
O trançar da corda e Hanrahan, <i>o Ruivo</i> [versão de 1897]	225
Hanrahan e Cathleen, a filha de Hoolihan [versão de 1894].	232
A maldição de Hanrahan, <i>o Ruivo</i> [versão de 1897]	236
A visão de Hanrahan [versão de 1896]	242
A morte de Hanrahan [versão de 1897].	248

ÍNDICE

O PÁSSARO MULTICOLOR
[Inédito]

O Pássaro Multicolor	257
[Livro I]	257
Livro II	312
Livro III	337
Livro IV	354

Apologia de Ganconagh^(*)

Foi dado a saber ao criador destas histórias que não devia ser ele a trazê-las ao vosso conhecimento. Como tal, pediu-me que me fizesse passar por seu autor. Sou um velho espírito irlandês, e passo o meu tempo sentado nas sebes a ver o mundo passar. Vejo os rapazes a caminho do mercado mais os seus burros com cestas de turfa, e as meninas com os seus cabazes de maçãs. Por vezes, chamo a mim uma cara bonita e conversamos um pouco à sombra, o cabaz de maçãs diante de nós, pois, como o meu fiel historiador O’Kearney o disse no seu manuscrito agora amarelecido, nada mais me interessa no mundo além do amor e da ociosidade. Não quererá também o leitor sentar-se à sombra dos arbustos enquanto leio estas histórias? A primeira não me interessa de todo porque trata de gente tola e coisas do mundo, mas a segunda tem que ver com a minha gente. Se a minha voz por vezes parece distante e sonhadora quando falo das coisas do mundo, tenha o leitor presente que tudo vi através do meu buraco na sebe. Oiço continuamente as canções da minha gente que dança na encosta da colina, e vivo satisfeito. Nunca carreguei maçãs nem levei turfa ao mercado, ou se o fiz foi apenas em sonhos. Nem tampouco têm os meus qualquer uso para os pertences do Homem, a não ser para esses pequenos cachimbos pretos que os lavradores ocasionalmente encontram quando revolvem os campos com o seu arado.

GANCONAGH

(*) Ao longo das diferentes versões publicadas em forma de livro em vida do Autor, esta «Apologia» aparece quer ligada exclusivamente à novela «John Sherman», quer simplesmente ligada à obra enquanto conjunto das duas «Histórias».

JOHN SHERMAN

Primeira Parte

John Sherman deixa Ballah

I

No oeste da Irlanda, no dia 9 de Dezembro, na cidade de Ballah, encontrava-se no Hotel Imperial um único hóspede, jovem e clerical. À excepção de um fortuito caixeiro-viajante que lá passara uma noite, não houvera ninguém durante um mês inteiro, excepto este hóspede, que agora estava a pensar ir-se embora. A cidade, que no Verão se enchia de pescadores da truta e do salmão, dormia todo o Inverno, como os ursos.

Na noite do dia 9 de Dezembro, então, não havia ninguém senão este hóspede na sala de café do Hotel Imperial. O homem estava irritado. Chovera o dia inteiro e agora que o céu estava a limpar a noite já quase caíra. Já tinha arrumado o seu malão; as meias, a escova de fatos, a navalha de barbear, os sapatos, tudo se encontrava no respectivo canto, e agora não tinha nada que fazer. Dera uma vista d'olhos ao jornal que estava em cima da mesa. Não concordara com a linha política do dito.

O empregado estava a tocar acordeão num quartinho por cima da escada. A irritação do hóspede aumentava, pois quanto mais pensava no assunto, mais lhe parecia que o acordeão era mal tocado. Havia um piano na sala de café; ele sentou-se e tocou a melodia correctamente, o mais alto possível. O empregado nem lhe deu atenção. Não sabia que estava a ser provocado. Estava completamente absorto no que fazia e, além disso, era velho, teimoso e surdo. O hóspede não aguentou mais. Tocou a sineta para o chamar e, então, lembrando-se de que não precisava de nada, saiu antes que ele chegasse.

Passou pela Martin's Street e pela Peter's Lane, e virou perto da casa queimada na esquina do mercado de peixe, seguindo caminho em direcção à ponte. A cidade gotejava, mas a chuva já quase tinha passado. As grandes gotas caíam cada vez menos nas poças. Era a hora dos patos. Três ou quatro haviam-se esgueirado sob um portão e agora chapinhavam na sarjeta da rua principal. Quase não havia ninguém fora de portas. Por uma ou duas vezes, passou um camponês com polainas amarelas cobertas de lama que olhou para o hóspede. Ao reconhecer o *locum tenens* do cura protestante, uma velha com uma cesta de roupa fez uma ligeira vénia.

As nuvens foram-se afastando gradualmente, o crepúsculo instalou-se e as estrelas fizeram-se ver. Depois de comprar cigarros, o hóspede estendeu o impermeável no parapeito da ponte e agora apoiava nele os cotovelos, olhando para o rio e sentindo-se finalmente bastante tranquilo. As suas meditações, repetia ele para consigo, eram banhadas de prata pelas estrelas. A água deslizava silenciosamente e uma ou duas das estrelas maiores abriam pequenas estradas de fogo no escuro. A luz de uma janela distante seguia-lhes o exemplo. Uma ou duas vezes, um peixe saltou. Ao longo das margens viam-se sombras vagas de casas, assemelhando-se a fantasmas que se iam juntando para beber.

Sim; ele agora sentia-se bastante satisfeito com o mundo. Com o prazer que tirava das sombras e do rio – um verdadeiro festival de silêncio – misturava-se agradavelmente a noção de que, ali debruçado, com a luz de um candeeiro a gás ali perto a projectar-se debilmente na sua refinada figura e rosto nervoso, e a contemplar a pequena medalha de uma qualquer ordem anglicana que pendia da corrente do seu relógio, ele devia parecer, caso alguém o tivesse podido presenciar, uma criatura cuja natureza era diferente daquela dos habitantes – à uma rudes e convencionais – daquela cidade semideserta. Entre estes dois sentimentos, o espiritual e o mundano lançavam uma onda de perfeito prazer. A noção de que era ele, e não aqueles que por nascimento teriam tal direito, quem mais sentia a beleza daquelas sombras e daquele rio, deixava-o agradavelmente consciente da sua própria identidade! Para ele que lera muito, assistira a óperas e peças de teatro, conhecera experiências religiosas e dedicara versos a uma cascata na Suíça, e não para aqueles que haviam passado toda a vida nas suas margens, aquele rio gerava todo um tumulto de imagens e maravilhas.

Que significado teria para eles, isso nem conseguia imaginar. Devia ter algum, certamente!

Enquanto olhava para a escuridão, tecendo uma teia de pensamentos que iam de si mesmo para o rio, e do rio para si mesmo, viu, pelo canto do olho, um ponto de luz vermelha que se movia no ar no outro extremo da ponte. Voltou-se para ele. Estava cada vez mais próximo, surgindo atrás dele um homem e um charuto. O homem tinha numa mão um monte de linha de pesca coberto de anzóis e na outra um prato de estanho cheio de isco.

— Boa noite, Howard.

— Boa noite — respondeu o hóspede, tirando os cotovelos do parapeito e olhando preocupado para o homem dos anzóis.

Só aos poucos se lembrou de que estava em Ballah, entre os bárbaros, visto que a sua mente se desviara das últimas moscas nocturnas, que produziam círculos na água abaixo, para a canção do diabo contra «os pequenos espíritos» de *Mefistofele*(^{*}). Com os olhos postos no parapeito de pedra, pensou por um momento e então exclamou:

— Sherman, como é que suporta este lugar, sendo alguém que pensa em mais do que apenas comer e dormir e que não vive permanentemente agarrado ao moinho do restolho? Aqui, toda a gente vive no século XVIII — o século esqualido. Bem, vou-me embora amanhã, bem sabe. Graças a Deus, estou farto destas ruas e mentes cinzentas! O cura tem de voltar, doente ou de saúde. Tenho um ensaio religioso para escrever e, além disso, devo morrer. Pense naquele velho ali na esquina, o nosso mais destacado paroquiano. Não tem mais fios de cabelo na cabeça do que pensamentos no interior do crânio. O simples acto de olhar para ele priva a vida da sua dignidade. Além disso, não há nada nas lojas a não ser livros escolares e prémios de catequese. Excelente, sem dúvida, para quem não leu tantos como eu. Que coro! que chuva!

— O senhor precisa de alguma ocupação mais de acordo com este lugar — disse o outro, iscando os anzóis com minhocas que ia tirando do pequeno prato. — Eu apanho enguias. O senhor também

(^{*}) Pensamos tratar-se de uma referência à única ópera completa do compositor e libretista italiano Arrigo Boito, estreada em Março de 1868 no Scala de Milão sob a batuta do próprio. (N. T.)

podia lançar umas linhas à noite. Engodam-se assim, com minhocas, e deixam-se entre as ervas na beira do rio. Pela manhã, encontramos uma ou duas enguias, se tivermos sorte, a contorcer-se e a abanar as ervas. Hei-de apanhar bastantes depois desta chuva.

— Que sugestão! Pretende ficar aqui — perguntou Howard — até que a sua mente apodreça como a do nosso mais importante paroquiano?

— Não, não! Para ser bastante franco — respondeu-lhe o outro —, tenho uma boa figura e vou fazer por tirar proveito dela; vou-me daqui em breve e vejo se convenço alguma rapariga endinheirada a apaixonar-se por mim. Não hei-de ser muito mau partido, sabe; depois de ela me tornar um pouco próspero, há-de morrer o meu tio e deixar-me muito mais próspero ainda. Espero poder passar o resto da vida sem fazer nada. Sim, vou casar com alguém que tenha dinheiro. A minha mãe está empenhada em que tal aconteça, e eu, sabe, não sou do género que se apaixonava inconvenientemente. De momento...

— Está a vegetar — interrompeu o outro.

— Não, estou a ver o mundo. Nas vossas grandes cidades, um homem dá-se conta do quanto é pequeno e nada sabe do que se passa fora dos limites das mesmas. Apenas conhece gente como ele. Mas aqui conversamos com o mundo inteiro num dia de caminhada, uma vez que cada homem que encontramos é como uma aula que frequentamos. O conhecimento que estou a adquirir poder-me-á ser útil quando entrar nas grandes cidades e na sua ignorância. Mas tenho linhas para lançar. Venha comigo. Até o convidava para ir até lá a casa, mas o senhor e a minha mãe, como bem sabe, não se dão bem.

— Eu era incapaz de viver com alguém em quem não acreditasse — disse Howard; — somos tão diferentes. Você é capaz de viver com meros factos, e é por isso, imagino, que os seus planos são tão mercenários. Diante deste belo rio, destas estrelas, destas grandiosas sombras arroxeadas, não se sente como um insecto numa flor? Quanto a mim, também tenho o meu futuro planeado. Não demasiado perto nem demasiado longe de uma grande cidade, vejo-me numa cabana cujas vidraças têm o desenho de losangos, sentado à lareira. Há livros por toda a parte e gravuras nas paredes; na mesa, um ensaio manuscrito sobre algum tema religioso. Talvez me case um dia. Provavelmente não, porque serei muito exigente. Garantidamente, não me casarei por

dinheiro, uma vez que considero que, quando perdemos a franqueza e a sinceridade da nossa natureza, é como se perdêssemos o norte. Se o perdemos uma vez que seja, o mundo torna-se ínvio.

— Adeus — disse Sherman, bruscamente; — já engodei o último anzol. Os seus esquemas assentam-lhe bem, mas sairiam bem caros a um sujeito preguiçoso como eu, um pobre diabo que apenas procura o ócio neste mundo.

Foi cada um para o seu lado; Sherman para lançar as suas linhas e Howard para o hotel e muito animado, convencido de que fora eloquente. A sala de bilhar, que dava para a rua, estava iluminada. Alguns homens novos apareciam por lá às vezes para jogar. Ele entrou, uma vez que se sentia um homem distinto entre aqueles jovens provincianos; além disso, jogava muito bem. Quando entrou, um dos jogadores falhou uma boia e praguejou. Howard censurou-o com um olhar. Juntou-se ao jogo durante algum tempo, e, então, ao ver através de uma porta distante que a mulher do dono estava a pôr uma chaleira na chapa, saiu à pressa e, puxando uma cadeira para o fogo, lançou-se numa daquelas demoradas trocas de mexericos a respeito da vida de todos que são tão características do sacerdócio.

Quando, tendo lançado as suas linhas, Sherman voltou para casa, passou por uma tabacaria — uma loja de doces e tabacaria numa só —, o único estabelecimento da cidade à excepção dos *pubs* que ainda se encontrava aberto. O dono estava parado à porta e, ao reconhecer alguém que se aviava sistematicamente com um rival no outro lado da cidade, murmurou: «Lá vai aquele Jack Sonhador; deve ter estado a pescar. Bah!» Sherman parou por um instante ao voltar a cruzar a ponte e olhou para a água, na qual agora uma lua crescente acabara de surgir e brilhava debilmente. Quantas recordações aquilo lhe trazia! Os companheiros de brincadeira e de aventuras de menino que lhe vinham à mente! Para ele, parecia dizer: «Deixa-te ficar», do mesmo modo que a Howard dissera: «Vai-te, procura essas outras alegrias e outras paisagens de que te falei.» A quem amava, ela dizia que se deixasse ficar e sonhasse, ao passo que dava asas aos pés daqueles que se entregavam à imaginação.

II

A casa onde Sherman e a mãe viviam era uma daquelas casas despojadas tão comuns nas cidades do interior. As suas fachadas rebocadas, que se erguem acima de calçadas também elas despojadas, possuem uma espécie de dignidade no seu ar utilitário. Parecem dizer: «Não foi a moda que nos fez, nem nunca os seus caprichos franqueiam as nossas soleiras bem varridas.» Em todas as janelas da cave se pode ver a mesma e insípida persiana de arame; em cada porta, a mesma aldraba de latão. O habitual aonde quer que se vá! «Foram tantos os olhos que através de nós espreitaram», parecem as persianas dizer, ao passo que as aldrabas murmuram: «E os dedos que nos alçaram.»

O n.º 15 da Stephens' Row em nada se distinguia dos seus vinte congéneres. As cadeiras da sala de estar que dava para a rua eram de pesado mogno com estofos de crina gastos nos cantos. Na mesa redonda repousava um comentário de alguém sobre o Novo Testamento, disposto como os raios de uma roda numa mesa coberta por um oleado americano já meio gasto com figuras japonesas. A sala raramente era usada, uma vez que a Sr.^a Sherman era solitária, porque de poucas falas. Nesta mesma sala, a costureira sentava-se duas vezes por ano, e era aqui que a mulher do pastor costumava beber uma chávena de chá de mês a mês, aproximadamente. Estava bastante limpa. Não havia uma marca de mosca no espelho e, durante todo o Verão, os fetos eram constantemente renovados na lareira. Atrás desta sala e com vista para o jardim ficava a sala de visitas, onde as cadeiras com assento de palhinha tomavam o lugar do mogno. Sherman vivera aqui com a mãe toda a sua vida, e a velha criada mal se lembrava de ter vivido noutro lugar; e não tardaria a deixar de se lembrar por completo do mundo que conhecera antes de ver as quatro paredes desta casa, visto que cada dia se esquecia de algo de novo. O filho tinha quase trinta anos, a mãe cinquenta e a criada quase setenta. Todos os anos tinham duzentas libras para se governar e, uma vez por ano, o filho recebia um fato novo e ia à sala de estar para se ver ao espelho.

Na manhã do dia 10 de Dezembro, a Sr.^a Sherman desceu antes do filho. Uma mulher magra, de feições delicadas, com lábios algo finos e bem apertados como é característico das pessoas reservadas, e olhos simultaneamente amáveis e desconfiados, amenizando assim a dureza

dos lábios. Ajudou a criada a pôr a mesa e então, porque as suas ideias antiquadas não lhe permitiam o repouso, começou a fazer malha, interrompendo muitas vezes este seu entretém para ir à cozinha ou pôr-se à escuta no fundo da escada. Por fim, ao ouvir barulho no andar de cima, pôs os ovos a cozer enquanto ia resmoneando, e retomou a sua malha. Quando o filho apareceu, recebeu-o com um sorriso.

— Mais uma vez atrasado, mãe — disse ele.

— Os jovens devem dormir — respondeu-lhe ela, visto que ele ainda lhe parecia um menino.

Havia terminado o seu pequeno-almoço algum tempo antes do rapaz, e porque lhe teria ficado muito mal deixar a mesa, deixou-se ficar sentada a fazer malha atrás do samovar: uma ocupação cujo benefício era sentido por muitas crianças pobres — praticamente os únicos vizinhos a respeito dos quais tinha algo de bom a dizer.

— Mãe — disse então o jovem —, o seu amigo, o *locum tenens*, está de partida hoje.

— Que faça boa viagem.

— Porque é tão dura com ele? Falava com inteligência quando esteve cá, pareceu-me — disse o filho.

— Não me agrada a teologia dele — retorquiu a mãe —, nem a sua maneira de andar de um lado para o outro, entretido com este e com aquele, nem aquele seu tagarelar enquanto abotoa e desabotoa as luvas.

— A mãe esquece-se de que ele é um homem do mundo cujos modos nos devem parecer estranhos.

— Oh, ele está muito bem para uma daquelas Carton, as filhas do pastor.

— A mais velha é boa rapariga — disse o filho.

— Menospreza-nos a todos e considera-se uma intelectual — continuou ela. — Lembro-me de quando as raparigas se contentavam com o seu catecismo e a sua Bíblia e um pouco de prática de piano, talvez, para se sentirem realizadas. O que mais pode alguém desejar? É tudo orgulho.

— A mãe gostava dela quando era menina — contrapôs o rapaz.

— Gosto de todas as crianças.

Sherman, tendo acabado o seu pequeno-almoço, saiu para o jardim com um livro de viagens numa das mãos e um sacho na outra. Depois de inspeccionar a terra por baixo da janela da sala de visitas em busca

dos primeiros rebentos de tulipa, desceu até ao outro extremo e começou a cobrir algumas couves-do-mar para lhes acelerar o crescimento. Não estava neste trabalho há muito tempo quando a criada lhe levou uma carta. Havia um rolo de jardim, feito de pedra, num dos lados do relvado. Ele usou-o como assento e, segurando a carta entre o indicador e o polegar, começou a olhar para ela com um ar de quem pensa: «Bem! Sei o que me queres dizer.» Deixou-se ficar assim muito tempo, sem a abrir, o livro poisado a seu lado no rolo.

O jardim – a carta – o livro! Temos aqui os três símbolos da sua vida. Todas as manhãs ele trabalhava naquele jardim entre as imagens e os sons da Natureza. Mês a mês, plantava, sachava e cavava ali. No meio, plantara uma sebe que dividia o jardim em dois. Acima da sebe havia flores; abaixo, hortaliças. No extremo mais distante da casa, contra a alvenaria quebrada e pejada de goivos, o rio dizia, mês após mês, a todos os presentes nas suas margens: «Silêncio!» Ele jantava às duas com perfeita regularidade e à tarde saía para caçar ou passear. Ao fim do dia, lançava as suas linhas nocturnas. Mais tarde, lia. Não tinha muitos livros – um Shakespeare, as viagens de Mungo Park, alguns romances de dois xelins, *Percy's Repliques* e um volume sobre etiqueta. Raramente variava as suas ocupações. Não tinha uma profissão. A cidade comentava isso mesmo. Diziam: «Vive à conta da mãe» e ficavam muito indignados. Nunca o deixavam transparecer, todavia, visto que todos pensavam que devia ser perigoso provocá-lo; mas havia um tio de quem Sherman esperava herdar que por vezes lhe escrevia a protestar. A Sr.^a Sherman não levava a bem aquelas cartas, pois receava que o filho se fosse embora em busca de fortuna – talvez até na América. Ora, esta questão atenazava um pouco o jovem Sherman. Há já cerca de três anos que ele se tentava decidir e chegar a alguma decisão. Por vezes, enquanto lia, apertava os lábios e franzia as sobrancelhas por um instante.

Torna-se agora patente por que motivo o jardim, o livro e a carta eram os três símbolos da sua vida, resumindo o seu amor pelas actividades ao ar livre, as suas cogitações, as suas ansiedades. A vida no jardim conferia-lhe serenidade mental, a leitura dos seus poucos livros enchia-lhe os olhos com devaneios, e a sensação de não ser propriamente um bom cidadão dava-lhe um ligeiro e ocasional tremor nos lábios.